

Julho
2022

Boletim de Conjuntura Econômica Fluminense

Número 4

Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro – CEPERJ

Presidência

Gabriel Rodrigues Lopes

Vice-Presidência

Marcello Coimbra Costa

Centro de Estatísticas Estudos e Pesquisas – CEEP

Diretor

Thiago Larangeira

Coordenadoria de Políticas Econômicas – COPE

Coordenador

Pedro Amaral Serra

Equipe Técnica

Paulo Vitor Dos Santos Lima

Matheus de Andrade Santos

Apoio Técnico

Equipe COOGEO

Sumário



01.
Cenário
Internacional
04



02.
As Commodities
e a Guerra na Ucrânia
08



03.
Cenário
Nacional
13



04.
Cenário
Regional
21



01. Cenário Internacional

Desde o início de 2022, o principal fato a impactar a economia mundial foi a invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro. O reflexo imediato se fez sentir em preços de commodities, com destaque para o petróleo e o gás natural, trigo e milho e, entre os metais, o níquel, o alumínio e o cobalto; o preço dos fertilizantes também subiu significativamente. A produção global contraiu no primeiro semestre deste ano devido a desacelerações relacionadas à guerra na Rússia e na China, enquanto o consumo nos EUA ficou aquém das previsões anteriores. Além disso, outros choques perturbaram a conjuntura global já enfraquecida pela pandemia: inflação acima do esperado em todo o mundo, principalmente nos Estados Unidos e nas principais economias europeias, resultando em condições financeiras mais contraídas; uma desaceleração mais grave do que antecipado na China, refletindo surtos e bloqueios de COVID-19; e outros impactos negativos da guerra na Ucrânia. O efeito, por um lado, de alta nos preços e, por outro, de desaceleração do crescimento da atividade apresenta um dilema para a política monetária dos países mais afetados.

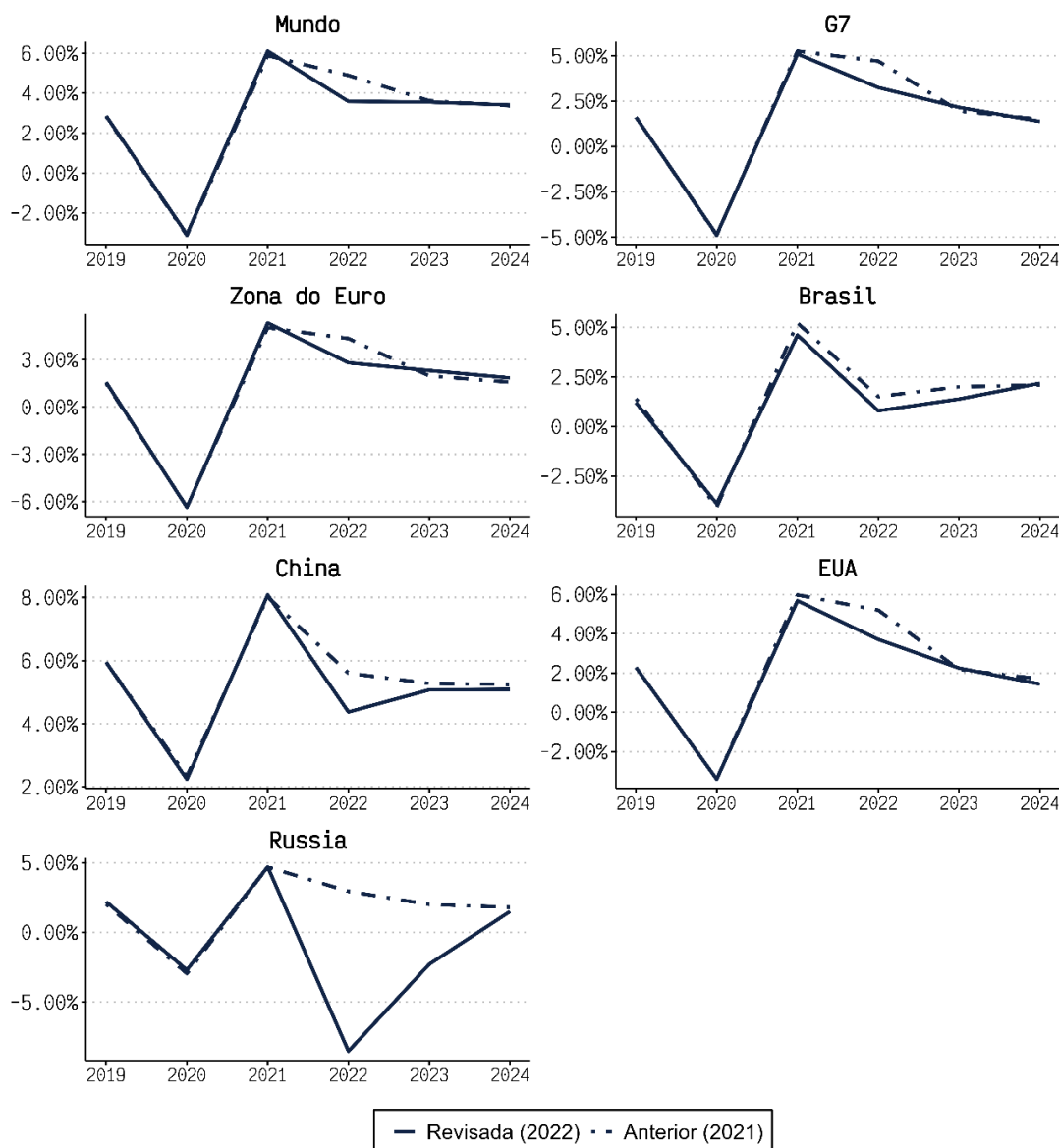
A previsão é de que o crescimento global desacelere para 3,2% em 2022, uma queda de 2,9 pontos percentuais em relação à previsão de 6,1% no ano passado (Gráfico 1). A redução do poder de compra das famílias e a política monetária mais apertada levaram a uma revisão para baixo de 1,4 pontos percentuais nos EUA. Na China, os novos bloqueios e o aprofundamento da crise habitacional levaram a que o crescimento fosse revisado para baixo em 1,1 pontos percentuais, com importantes implicações em todo o mundo. Na Zona do Euro, as quedas significativas refletem as consequências da guerra contra a Ucrânia e a política monetária apertada.

A inflação global foi revisada para cima nos preços de alimentos e energia e nos desequilíbrios persistentes de oferta e demanda, e deve atingir 6,6% nas economias avançadas e 9,5% nas economias emergentes e em desenvolvimento este ano - revisões em alta de 0,9% e 0,8%, respectivamente. Em 2023, a política monetária desinflacionária deverá ser morna, com a produção econômica global crescendo apenas 2,9% (Gráfico 2).

As perspectivas são em grande parte negativas: a guerra na Ucrânia pode levar a uma interrupção repentina nas importações de gás europeu da Rússia; A inflação pode ser mais difícil de conter do que o esperado se os mercados de trabalho estiverem mais apertados do que o esperado ou se as expectativas de inflação estiverem enfraquecendo.

Gráfico 1

Previsão da Variação do PIB em Moeda Nacional
Preços Constantes

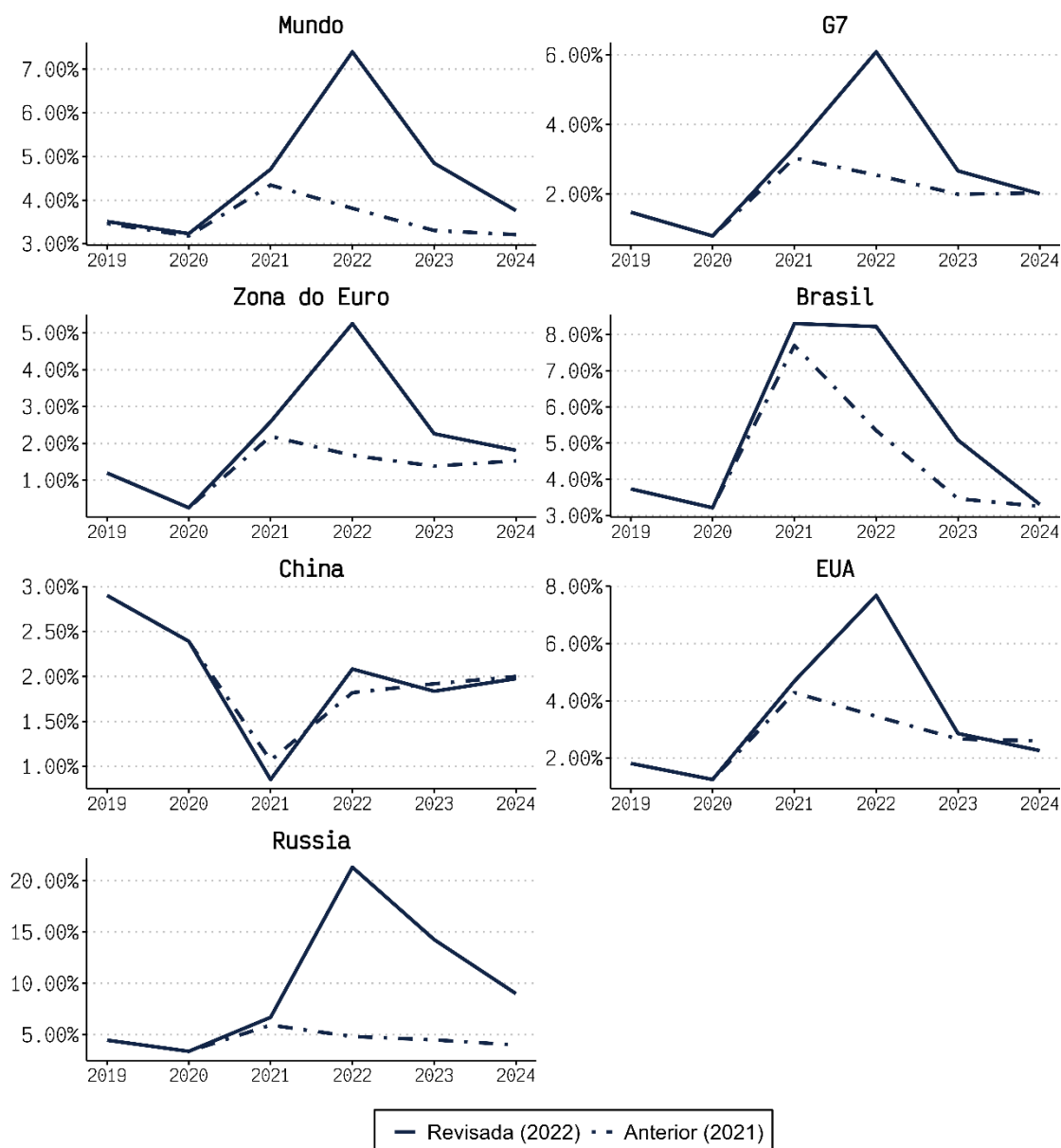


Elaboração Própria.
Fonte: World Economic Outlook Database.

As condições financeiras globais mais apertadas podem levar ao superendividamento em países emergentes e em desenvolvimento. Surto e bloqueios renovados de COVID-19, bem como uma nova escalada da crise imobiliária, podem prejudicar ainda mais o crescimento chinês e a fragmentação geopolítica pode dificultar o comércio e a cooperação globais. Em um cenário alternativo plausível em que os riscos se materializam, a inflação continuaria a subir e o crescimento global desaceleraria para cerca de 2,6% em 2022 e 2023.

Gráfico 2

Previsão do Índice de Inflação
Preços Médios ao Consumidor



Elaboração Própria.
Fonte: World Economic Outlook Database.

À medida que o aumento dos preços continua a diminuir os padrões de vida em todo o mundo, o controle da inflação deve ser uma prioridade para os formuladores de políticas. Uma política monetária mais rígida inevitavelmente terá custos econômicos reais, mas o atraso em só os agrava. O apoio fiscal direcionado pode ajudar a amortecer o impacto sobre os mais vulneráveis, mas com os orçamentos governamentais pressionados pela pandemia e a necessidade de políticas macroeconômicas desinflacionárias em geral, essas medidas precisarão ser compensadas por impostos mais altos ou gastos governamentais mais baixos. O uso de ferramentas macroprudenciais torna ainda mais necessárias as reformas nas estruturas de gestão da dívida.

Assim, as políticas para lidar com choques específicos nos preços de energia e alimentos devem visar os mais afetados sem distorcer os preços. E à medida que a pandemia continua, as taxas de vacinação precisam aumentar para proteger contra futuras variantes. Como também, a ação climática continua exigindo uma ação multilateral urgente para limitar as emissões e aumentar o investimento para acelerar a transição verde.





02. As Commodities e a Guerra na Ucrânia

Em meio a preocupações com os efeitos da guerra, os aumentos nos preços foram particularmente pronunciados para commodities onde a Rússia e a Ucrânia são grandes exportadores: energia, fertilizantes e alguns grãos e metais. Tais aumentos aconteceram, em especial, durante o primeiro trimestre de 2022, refletindo os efeitos da guerra na Ucrânia, bem como o crescimento contínuo da demanda e várias restrições na oferta (Gráfico 3).

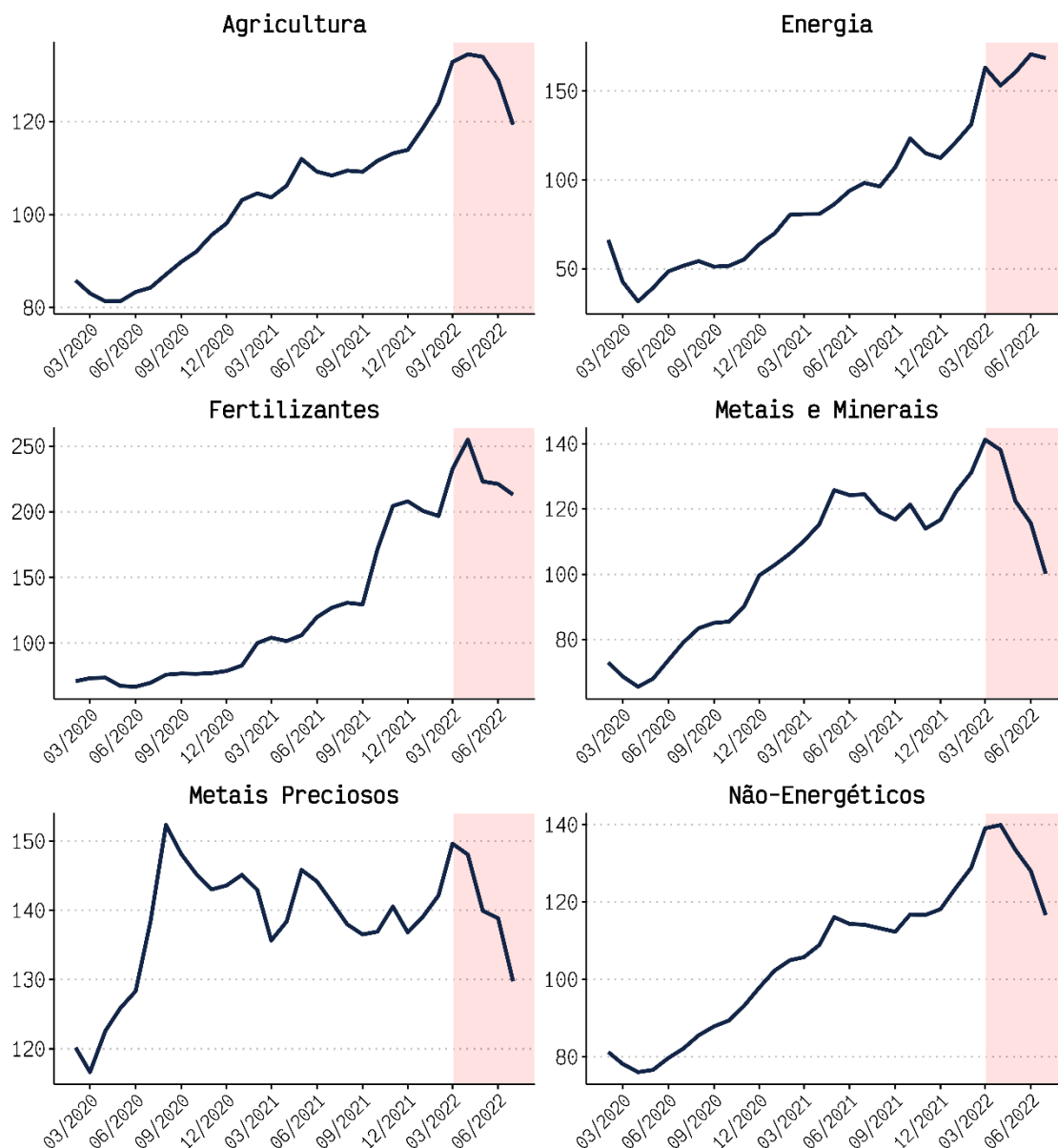
Esses desenvolvimentos se somaram a um aumento amplo nos preços das commodities que começou em meados de 2020, com um aumento na demanda impulsionado pelas preocupações com a pandemia do COVID-19. Contudo, a demanda por commodities se recuperou à medida que a economia global se estabilizou, conforme a oferta de commodities lentamente se restabelecia, embora ainda prejudicada por vários anos de fraco investimento em nova capacidade de produção, bem como várias interrupções no fornecimento.

Como resultado, os preços da energia (em dólares americanos) foram mais de quatro vezes maiores em março de 2022 do que os mínimos de abril de 2020 – o maior aumento de 23 meses nos preços da energia desde o aumento do preço do petróleo em 1973. Os preços dos fertilizantes aumentaram 220% entre abril de 2020 e março de 2022, seu maior aumento em 23 meses desde 2008. Da mesma forma, os preços dos alimentos aumentaram 84%, seu maior aumento em um período comparável desde 2008 (Gráfico 3). Esses aumentos de preços estão causando grandes impactos humanitários e econômicos e exacerbando a insegurança alimentar e a inflação em muitos países.

Gráfico 3

Evolução do Índice de Preços das Commodities

Antes e depois do início da guerra na Ucrânia (2010 = 100)



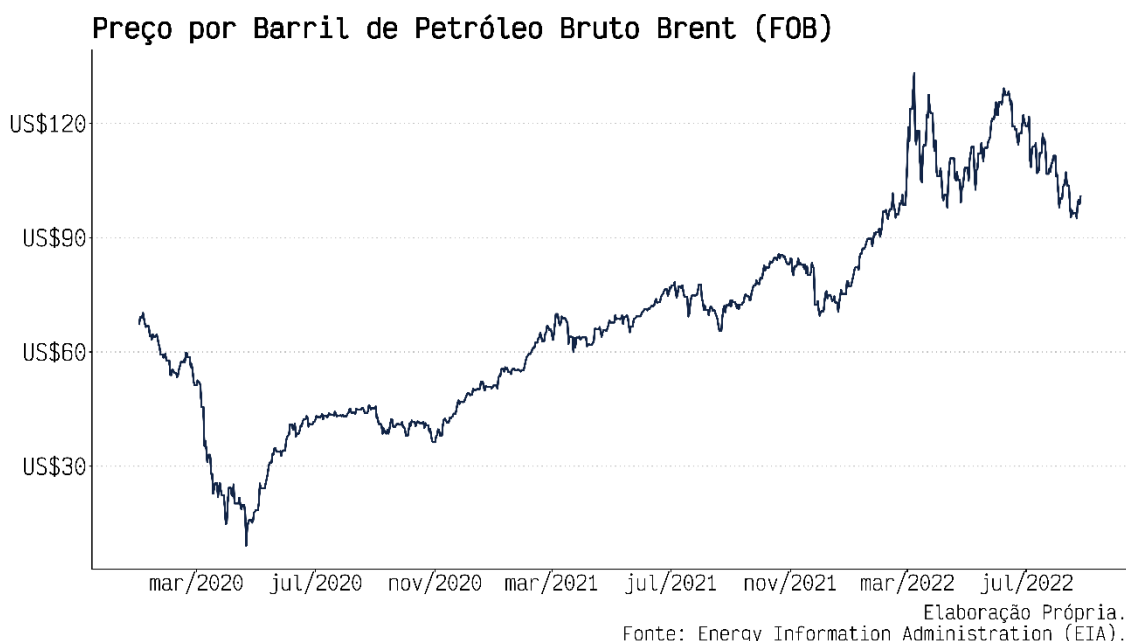
Elaboração Própria.
Fonte: World Bank Commodities Price Data (The Pink Sheet).

Com aumentos generalizados em todos os combustíveis, alguns benchmarks de carvão e gás natural atingiram máximos históricos em março/2022. Vários países, incluindo Canadá, Reino Unido e Estados Unidos, anunciaram sanções às importações de energia russa, de forma que algumas empresas produtoras de energia deixaram de operar na Rússia e muitos comerciantes optaram por descontinuar os negócios de petróleo russo, influenciados pelas dificuldades em obter seguro sobre cargas ou fazer transações.

O petróleo bruto Brent atingiu a média de US\$ 116/barril em março de 2022, um au-

mento de 55% em relação a dezembro de 2021 (Gráfico 4). Depois de atingir uma alta de 10 anos no início de março, diminuiu em abril após anúncios de liberações significativas de petróleo de estoques estratégicos pelos Estados Unidos e outros membros da Agência Internacional de Energia (AIE), bem como expectativas de demanda mais fraca devido a bloqueios relacionados ao COVID-19 em várias cidades da China.

Gráfico 4



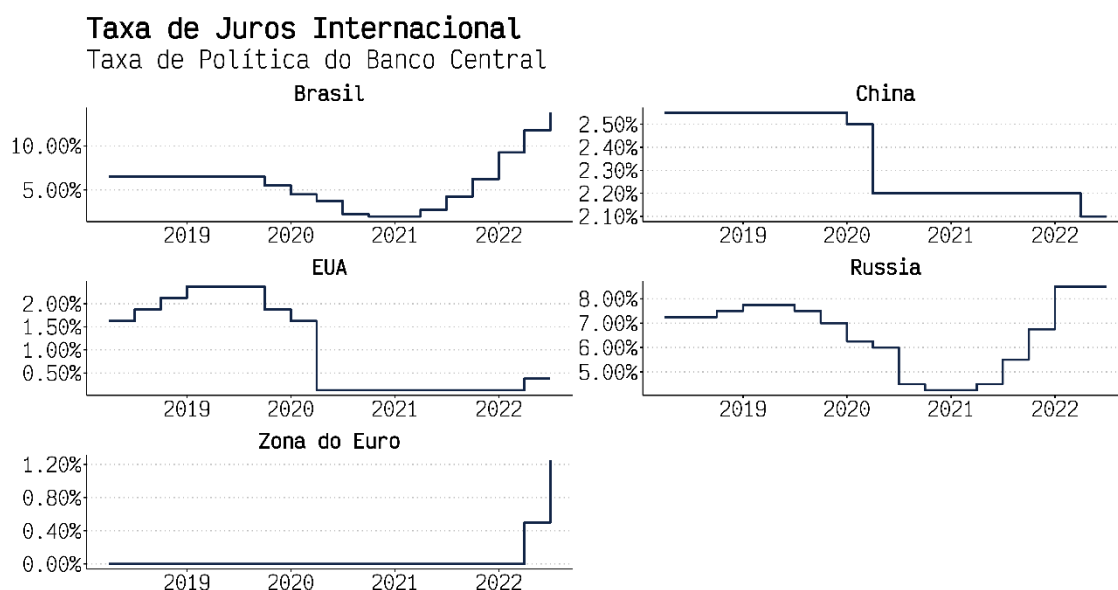
Os preços do gás natural na Europa atingiram um máximo histórico em março, refletindo temores de interrupção nas importações da Rússia. Os preços do gás natural nos EUA aumentaram quase um terço em março de 2022 em relação a dezembro de 2021, em parte refletindo o aumento da demanda por exportações de gás natural liquefeito dos EUA. Os preços do carvão também atingiram um máximo histórico em março de 2022 devido ao aumento da demanda por ele como substituto do gás natural na geração de eletricidade.

A maioria dos preços das commodities não energéticas aumentou desde o início de 2022, com aumentos particularmente grandes para fertilizantes, níquel, oleaginosas e trigo (Gráfico 3). Entre as commodities agrícolas, os preços do trigo tiveram um aumento muito acentuado e foram quase 30% mais altos em março em relação a dezembro de 2021. A maioria dos preços do óleo comestível aumentou acentuadamente este ano, em parte devido a déficits de produção na América do Sul, bem como interrupções nas exportações de óleo de semente de girassol da Ucrânia. Em contraste, os preços do arroz tiveram um aumento apenas modesto, refletindo ampla oferta na China e na Índia. Os preços dos fertilizantes também aumentaram acentuadamente durante o primeiro trimestre de 2022, refletindo em parte o aumento nos preços do gás natural e do carvão, pois ambos são insumos essenciais para a produção de fertilizantes.

O índice de metais e minerais subiu 13% no primeiro trimestre de 2022 em relação ao último trimestre de 2021 e agora é 24% maior do que há um ano (Gráfico 3). Os preços do níquel subiram 35% no trimestre, principalmente devido a um pequeno aperto que levou a London Metal Exchange a interromper as negociações do metal por vários dias em meados de março. Os preços do alumínio e do minério de ferro também tiveram grandes aumentos, refletindo a importância da Rússia na oferta.

De maneira geral, os bancos centrais estavam iniciando políticas contracionistas (Gráfico 5) para fazer frente à inflação crescente, mas o choque negativo do conflito sobre a atividade econômica pôs em questão a magnitude desse ajuste, ao mesmo tempo que novas pressões inflacionárias surgiram pelo choque de oferta trazido pela guerra. Comparando as taxas de juros básicas antes e depois da invasão da Ucrânia, notam-se pequenos aumentos no Brasil, nos Estados Unidos, na Zona do Euro e na Rússia, enquanto para a China não houve redução.

Gráfico 5



Elaboração Própria.
Fonte: Internacional Financial Statistics (IFS).

A guerra na Ucrânia foi um grande choque para os mercados globais de commodities. O fornecimento de várias commodities foi interrompido, levando a altas históricas, principalmente para energia, fertilizantes e alguns grãos, quando em comparação do aumento atual dos preços com os aumentos anteriores dos preços do petróleo e dos alimentos na década de 1970 e em 2008-09. As altas anteriores resultaram no surgimento de novas fontes de abastecimento de petróleo e alimentos. No caso do petróleo, os aumentos de preços também levaram a reduções sustentadas da demanda como resultado da substituição por outros combustíveis e melhorias na eficiência energética, facilitadas por políticas governamentais.

Esses acontecimentos históricos ensinam lições sobre a atual escalada de preços. No curto prazo, interrupções no fornecimento e preços mais altos de alimentos e energia aumentarão a inflação e os formuladores de políticas precisarão mitigar seu impacto nas famílias mais pobres. Os efeitos de longo prazo da guerra nos mercados de commodities dependerão de quão extensivamente o comércio de commodities é desviado, quanta demanda é reduzida e se novos suprimentos surgem.

Os formuladores de políticas podem tomar medidas para acelerar mudanças estruturais que aliviam a pressão ascendente sobre os preços da energia, incluindo a promoção da eficiência energética e o incentivo a novas fontes de produção de energia de baixo carbono. Essas políticas também protegem as economias da futura volatilidade dos preços da energia e aceleram a transição dos combustíveis fósseis, ajudando a alcançar as metas de mudança climática. Atualmente, no entanto, muitos governos têm se concentrado em restrições comerciais, controles de preços e subsídios, que podem ser caros e muitas vezes exacerbam os déficits de oferta e as pressões sobre os preços.



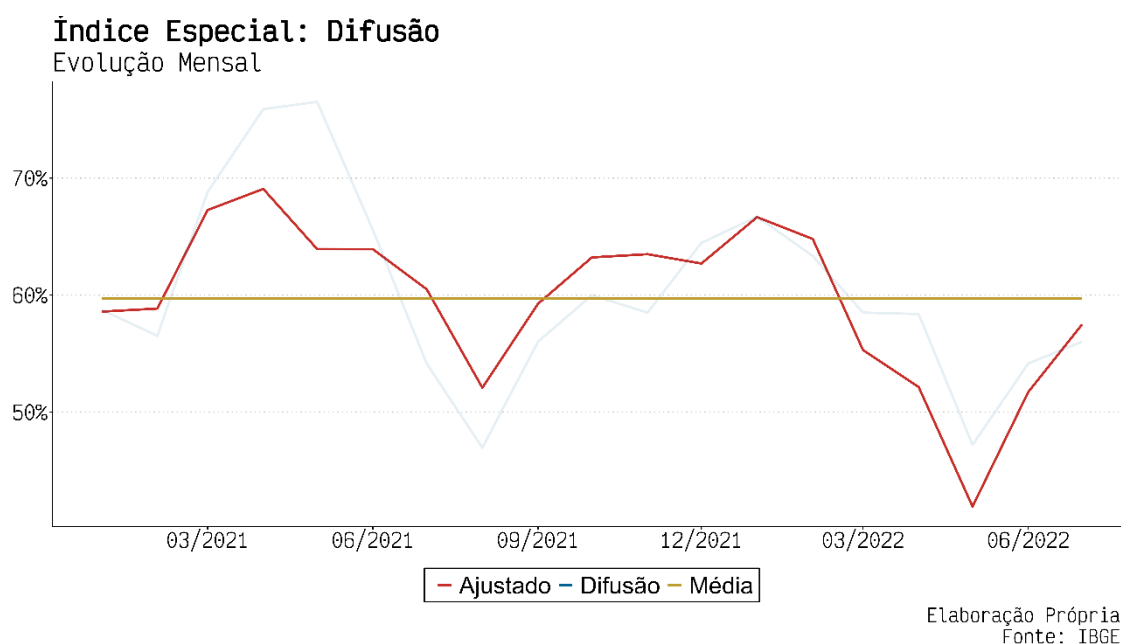


03. Cenário Nacional

Depois de acelerar nos últimos meses de 2021, refletido em um aumento de 0,5% do PIB no último trimestre em relação ao terceiro trimestre de 2021, os segmentos mais produtivos experimentaram uma queda nos índices no início de 2022. Esse resultado deveu-se ao aumento de casos de Covid-19 no período relacionado à variante Ômicron. Contudo os segmentos mais produtivos continuaram apresentando tendência positiva nos meses seguintes, isso se deve às medidas adotadas para estimular a economia, como a normalização da mobilidade urbana e também a melhora observada no mercado de trabalho, os quais corroboram esse resultado.

A desaceleração da atividade no início de 2022 teve como um dos fatores a baixa propagação do dinamismo industrial, indicando uma desaceleração geral entre os segmentos produtivos (Gráfico 6). Na comparação com o mês de dezembro de 2021, já excluídos os efeitos sazonais, apenas um terço dos segmentos registrou crescimento. O bom desempenho da atividade em abril deve-se ao nível de difusão estar próximo de sua média histórica. Os segmentos registraram variação positiva, indicando uma tendência de alta nos primeiros quatro meses de 2022.

Gráfico 6



Entre os setores, a manufatura teve o terceiro aumento consecutivo de margem, mas continua enfrentando gargalos na cadeia produtiva, principalmente devido à escassez de preços de insumos. Além disso, os preços da energia elétrica permaneceram em alta e o conflito entre a Rússia e a Ucrânia provocou aumentos generalizados nos preços internacionais. Portanto, com a escalada do conflito entre Rússia e Ucrânia e os bloqueios na China, a normalização das cadeias produtivas deve ser adiada, mantendo assim as restrições de fornecimento.

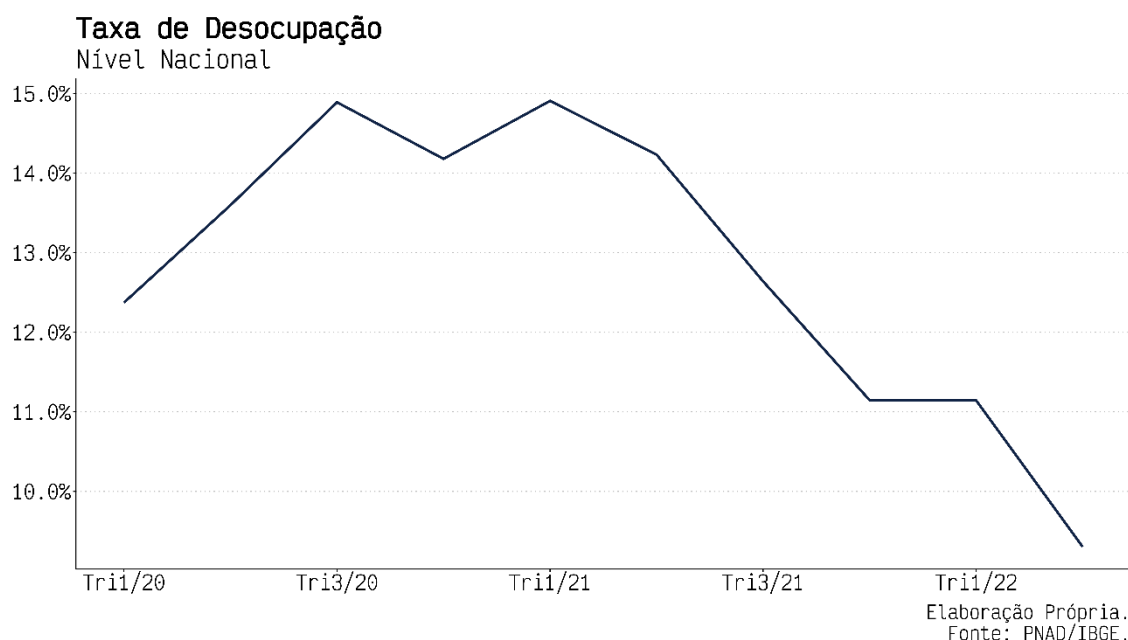
Por outro lado, o consumo de bens, há muito afetado negativamente pela alta da inflação, começa a sentir os efeitos positivos decorrentes da melhora dos indicadores do mercado de trabalho, como o aumento do nível de emprego e da massa real de salários aos quais somados às transferências do Auxílio Brasil têm mantido certo dinamismo nesse mercado, embora o crescimento do crédito esteja mitigando parte dessa melhora.

Por sua vez, o setor de serviços continua acompanhando a evolução dos níveis de mobilidade urbana. Entre os segmentos, os serviços prestados às famílias ainda estão 9,6% abaixo dos níveis pré-pandemia (fevereiro de 2020). Como principal responsável pelo aumento da geração de empregos, o setor continuará sendo um dos principais impulsionadores da produção econômica em 2022.

No mercado de trabalho, os principais indicadores de emprego mostram que a trajetória de recuperação se consolidou no primeiro semestre de 2022 e um aumento acentuado da população ocupada está associado a uma diminuição significativa do desocupação, mesmo num contexto de maior atividade taxa de participação, segundo a PNAD Contínua A taxa de desocupação no país foi de 11,2% no primeiro trimestre, queda de 3,3 pontos percentuais em relação ao mesmo período do ano passado e já em patamar inferior ao anterior à pandemia (Gráfico 7).

Esta diminuição da desocupação foi possibilitada pelo aumento significativo do número de pessoas em ocupações, cuja taxa de emprego não só aumentou 9,4% em termos interanuais no primeiro trimestre desde o início da pesquisa em 2012. No segundo trimestre, o número de pessoas ocupadas na economia brasileira atingiu 97,8 milhões, 10,8% acima do registrado em março de 2021 e 2,1% acima do registrado em março, representando o maior contingente já identificado pelo na força de trabalho. Consequentemente, a taxa de desocupação diminuiu 14,4% em abril de 2021 para 9,5% em abril de 2022.

Gráfico 7



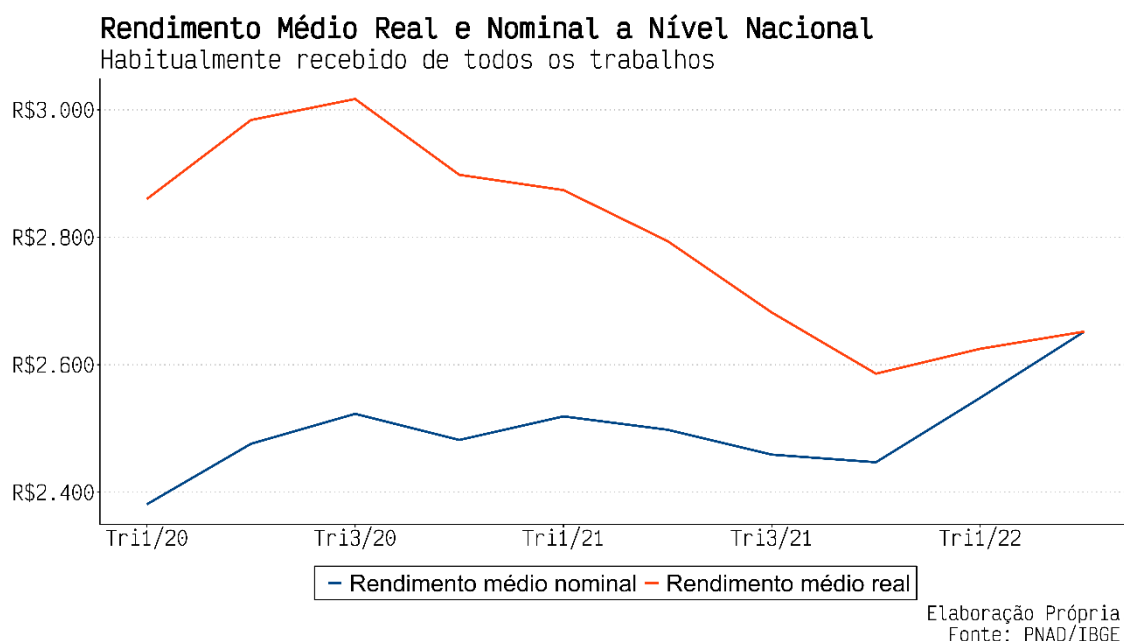
Ressalte-se, no entanto, que parte do impacto dessa melhora do emprego na queda da taxa de desemprego foi mitigado pela expansão da força de trabalho, cujo crescimento de 5,4% no trimestre desencadeou uma reação da taxa de participação de 59,7% para 62,3% em janeiro de 2021 em relação a 2022. Enquanto esse aumento da força de trabalho está ocorrendo principalmente no setor informal – os empregados do setor privado sem contrato de trabalho e os autônomos com 19,8 e 10,3 % de aumento respectivamente – aqueles com carteira assinada também registraram crescimento significativo neste período (9,3%).

Outro fato é que esse efeito da ocupação na redução do desemprego foi maior não apenas pelo aumento da taxa de participação, impulsionado pelo crescimento mais robusto da força de trabalho, com variação anual de 4,8%. Segundo dados dessazonalizados, entre março e abril de 2022, a força de trabalho brasileira aumentou 1,0%, alcançando 109,1 milhões de pessoas, o nível mais alto já registrado.

Assim como mostrado pela PNAD, os dados do Novo Caged ratificam esta trajetória

de recuperação do emprego com carteira no país. No acumulado de doze meses em fevereiro, a economia brasileira gerou aproximadamente 2,7 milhões de vagas formais, refletindo um crescimento do emprego em todos os segmentos pesquisados. Ainda de acordo com o Novo Caged, em fevereiro de 2022, o contingente de trabalhadores com carteira no mercado de trabalho brasileiro chegou a 41,2 milhões, o que significa um aumento de 7,1% em relação ao observado no período pré-pandemia – 38,4 milhões em fevereiro de 2020. Já em maio, a economia brasileira criou 277 mil novas vagas formais, contribuindo para que a geração de empregos em 2022 alcançasse quase 1,1 milhão. No então acumulado doze meses, o número de vagas abertas é de aproximadamente 2,7 milhões, refletindo um crescimento do emprego em todos os segmentos pesquisados.

Gráfico 8



Em relação aos salários, os dados mostram que, além do efeito composição que reduz o salário médio quando há um afluxo proporcionalmente maior de trabalhadores informais e menos qualificados, o aumento da inflação levou a uma queda dos salários nos últimos meses efetivamente recebidos, cuja média caiu 7,2% em janeiro em relação ao ano anterior (Gráfico 8). No trimestre mais recente, o valor aumentou 1,8% em relação ao ano anterior.

Ainda de acordo com a pesquisa do IBGE, a recuperação do mercado de trabalho não se estendeu do emprego aos salários, embora esse fenômeno seja típico de momentos pós-crise: quando o grande número de desempregados limita os aumentos salariais. Além disso, os recentes aumentos da inflação e o crescimento mais forte do em-

prego informal no setor de serviços contribuíram para a queda dos salários médios reais. Em abril, o rendimento médio real efetivo, de R\$ 2.649,00, foi 4,9% menor que o observado no mesmo período de 2021. No entanto, o forte crescimento da ocupação vem mais do que compensando esta queda dos rendimentos, de modo que a massa salarial real efetiva teve expansão de 5,8% entre abril de 2021 e 2022 (Gráfico 8).

Após encerrar 2021 com alta de 10,1%, a inflação brasileira, medida pelo IPCA, voltou a subir no primeiro semestre de 2022. No acumulado em doze meses até fevereiro, a variação já chega a 10,5%, enquanto no acumulado em doze meses até maio, a taxa de variação de preços medida pelo IPCA chega a 11,7%. Ainda que a pressão dos preços monitorados seja forte, a piora no desempenho dos preços livres, especialmente dos bens industriais e dos alimentos, explica esse cenário de aumentos mais generalizados no início de 2022. Assim como vem ocorrendo com as principais economias mundiais, esta alta da inflação reflete não apenas os efeitos da guerra entre Rússia e Ucrânia sobre os preços internacionais do petróleo e dos grãos, mas também a persistência do descasamento entre a oferta e a demanda de insumos industriais e a retomada do setor de serviços.

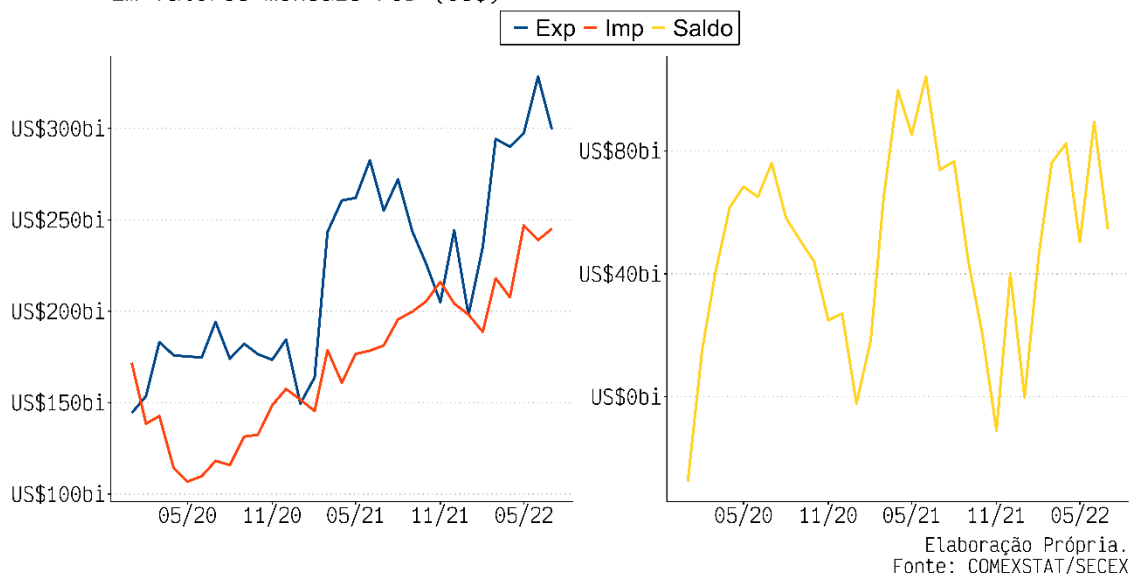
Embora apresentem trajetória de desaceleração no primeiro trimestre, os preços monitorados continuam sendo o principal foco de pressão inflacionária, refletindo sobretudo nos reajustes da gasolina (32,6%) e da energia elétrica (28,1%) no período. Adicionalmente, mesmo diante da recente apreciação cambial, a manutenção da trajetória de alta das commodities no mercado internacional e a dificuldade de normalização das cadeias produtivas globais continuam a pressionar os preços dos bens industriais. De modo semelhante, a piora das condições climáticas, causada pela ocorrência do fenômeno La Niña neste início da safra 2021-2022, já ocasiona prejuízos a algumas lavouras importantes, como soja, milho de primeira safra e arroz. Por fim, a aceleração da inflação de serviços foi impulsionada pela recuperação mais forte dos segmentos ligados à recreação, turismo e cuidados pessoais – devido ao fim das medidas restritivas que haviam sido impostas para conter a pandemia de covid-19.

Já para o segundo trimestre, mesmo diante de uma desaceleração na margem, os preços administrados ainda apresentam uma variação acumulada em doze meses expressiva (12,1%), repercutindo, sobretudo, os reajustes da gasolina (28,7%), do gás de botijão (29,4%) e dos medicamentos (13,4%). Em contrapartida, a trajetória dos demais bens e serviços livres é de contínua aceleração. No caso dos alimentos, a alta de 16,4%, nos últimos doze meses resulta da combinação entre os efeitos danosos do clima sobre as lavouras temporárias, no primeiro trimestre, e o impacto da guerra sobre os preços dos grãos e do petróleo, pressionando os custos de produção e frete de diversas cadeias produtivas, como dos derivados de trigo, do leite e das proteínas animais. Em relação aos bens industriais, a alta de 13,9% no período é explicada não apenas pelo aumento nos custos do transporte e dos combustíveis usados na produção, mas também pelos efeitos remanescentes da pandemia sobre a produção de insumos industriais, cujo descasamento entre demanda e oferta vem pressionando os preços domésticos, mesmo em um contexto de apreciação cambial. Por fim, o aumento da inflação de serviços, cuja variação em doze meses avançou de 1,8% para 8,0%, entre maio de 2021 e de 2022, é reflexo da retomada dos setores mais afetados pelas medidas de restrição social, como o de serviços pessoais e recreação e cultura, cuja demanda reprimida vem possi-

bilitando recomposição mais rápida dos preços.

Gráfico 9

Exportação, Importação e Saldo da Balança Comercial
Em valores mensais FOB (US\$)

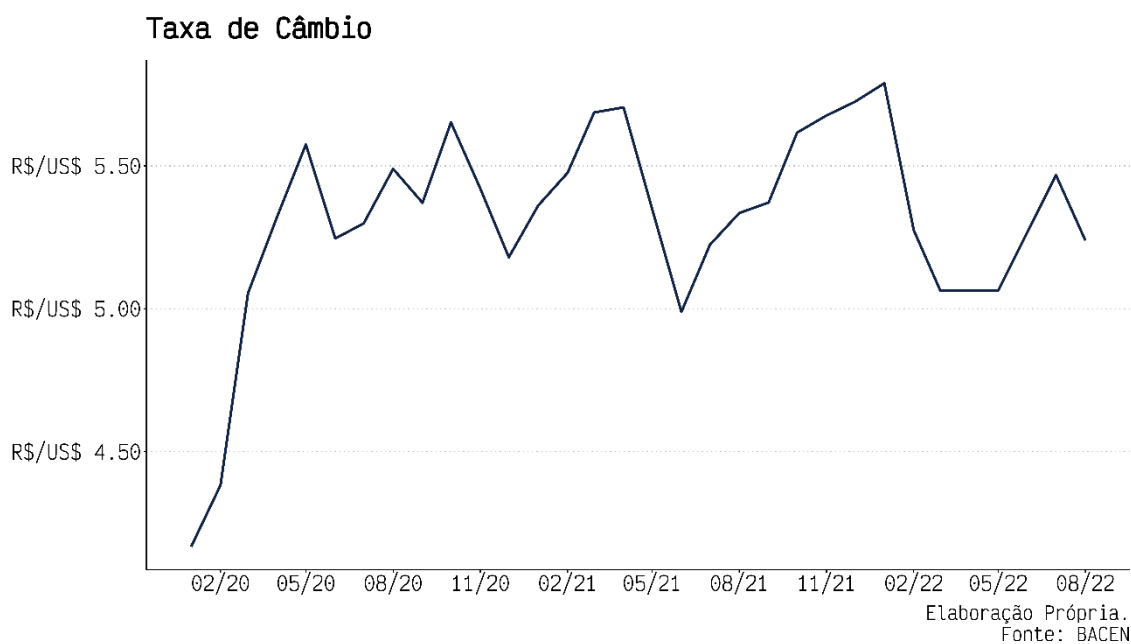


Assim como ocorreu durante o ano de 2021, o setor externo continua apresentando indicadores sólidos. O saldo comercial no primeiro trimestre de 2022 foi de US\$ 12,2 bilhões, com crescimento de 51% em relação ao mesmo período do ano anterior. O valor das exportações alcançou recorde histórico para o mês de fevereiro (US\$ 22,9 bilhões), favorecido, novamente, pela alta do preço das commodities. O saldo comercial no segundo trimestre de 2022 foi de US\$ 22,2 bilhões. O valor das exportações alcançou recorde histórico para toda a série (US\$ 29,7 bilhões), iniciada em janeiro de 1997, favorecido, novamente, pela alta do preço das commodities. O valor das importações também foi o maior de toda a série histórica (US\$ 24,7 bilhões) em maio de 2022. Dessa forma, como o conflito entre Rússia e Ucrânia trouxe aumento dos preços nas commodities, economias exportadoras como o Brasil foram favorecidas, embora esse aumento não tenha subido muito na pauta de exportação brasileira. Mesmo com incertezas a respeito de insumos importados, especialmente fertilizantes e semicondutores, o saldo permanece positivo. Assim, o saldo da balança comercial neste primeiro semestre totaliza um acumulado de US\$ 34,4 bilhões.

No Gráfico 9, que mostra a evolução das exportações totais, importações totais e saldo, observa-se que tanto exportações quanto importações cresceram ao longo dos últimos dois anos, com o saldo mantendo-se sempre positivo, porém com recuo marcante no último mês de maio. O crescimento das exportações vem ocorrendo devido aos preços: comparando maio de 2022 com maio de 2021, os índices de preços subiram significativamente nas três categorias: bens intermediários (17%), bens de consumo (23%) e bens de capital (16%). Os índices de quantidade de bens intermediários e de bens de ca-

pital caíram, respectivamente, 14% e 5%, enquanto o de bens de consumo ficou estável. O crescimento das importações nos últimos doze meses também se deveu aos preços: o índice de combustíveis e lubrificantes dobrou (cresceu 99%); o de bens intermediários, cresceu 29%; o de bens de consumo, 16%, e o de bens de capital, 11%. Os índices de quantidade tiveram variações entre -8% (bens de consumo) e 1% (combustíveis e lubrificantes).

Gráfico 10



Em relação ao balanço de pagamentos, a conta de transações correntes tem apresentado crescimento do déficit no período recente, revertendo a tendência anterior de suavização observada durante a pandemia. Quanto à conta capital e financeira, observou-se uma trajetória de relativa recuperação durante o ano de 2021 e, mais recentemente, de estabilização. Embora os níveis pré-pandemia ainda não tenham sido plenamente atingidos, houve melhora na entrada de capitais, além de relativa recuperação do investimento direto no país (IDP) no período recente. O IDP acumulado em doze meses em janeiro de 2022 foi de US\$ 47,7 bilhões (2,9% do PIB) contra US\$ 38,4 bilhões no mesmo período do ano anterior (2,7% do PIB). A princípio, a trajetória de aumento da taxa de juros Selic poderia potencializar a recuperação da conta financeira. No entanto, com a retirada paulatina dos estímulos monetários da economia dos Estados Unidos, há incerteza sobre o balanço de risco dos investidores.

Já a taxa de câmbio, que durante a pandemia sofreu depreciação importante, tem sido favorecida no período recente pela alta dos preços das commodities e pelo influxo de capitais estrangeiros, fruto, pelo menos em parte, do diferencial de juros. Como pode ser observado pelo Gráfico 10, o início de 2022 trouxe um cenário mais favorável para a taxa de câmbio. A valorização da taxa de câmbio (reais/dólar) entre dezembro

de 2021 e março de 2022 foi de 10,25%. A volatilidade, que é uma medida de incerteza, também se encontra em patamares menos elevados. A turbulência provocada pelas questões do conflito entre Rússia e Ucrânia, por enquanto, ainda não se traduziu em maiores incertezas no mercado de câmbio.

Os termos de troca, que mostram o quociente entre o índice de preços das exportações e o das importações, sofreram reversão desde meados de 2021. Logo após a pandemia, entre junho de 2020 e julho de 2021, houve forte alta, favorecida especialmente pelo aumento dos preços dos produtos exportados. Nos últimos doze meses, com o aumento dos preços das importações em maior proporção do que os das exportações, essa alta foi revertida.



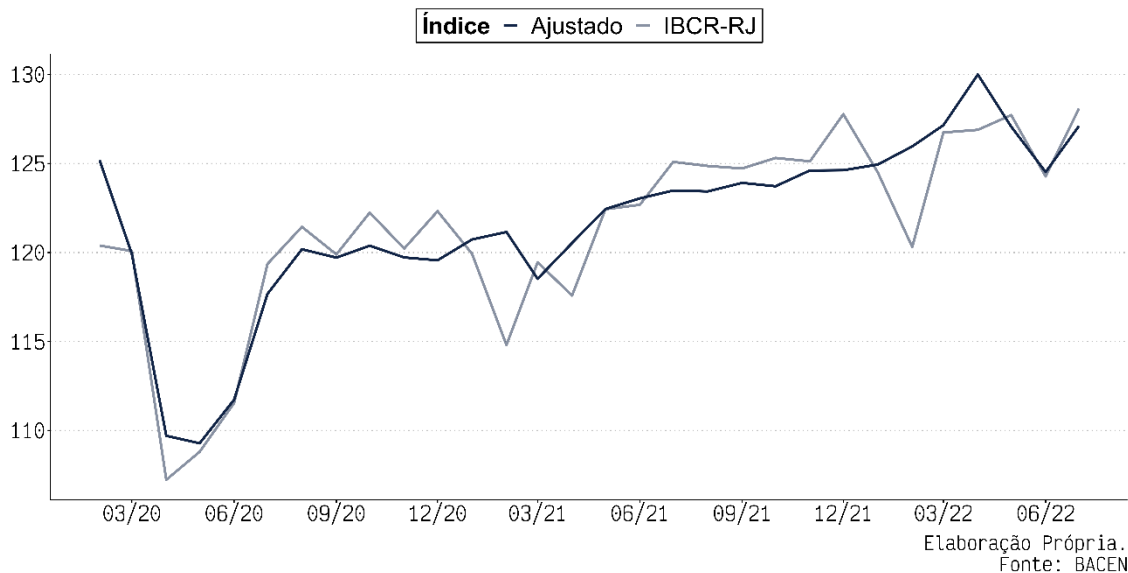


04. Cenário Regional

Assim como ocorreu no nível nacional, o desempenho do estado demonstrou ter sofrido com altas das commodities, desajustes de oferta e restrições por conta de outra onda de COVID, pela variante Ômicron (Gráfico 11). Após um avanço de 5,02% no último semestre de 2021, o indicador de atividade do estado do Rio de Janeiro apresentou uma retração de 0,32% no primeiro semestre de 2022. A retração teve maior força no primeiro trimestre do ano (-1,76%), em especial em fevereiro quando reduziu 5,84%, contudo essa retração foi compensada no trimestre seguinte com o avanço das atividades em 1,97% em relação ao trimestre anterior. Se considerarmos a série ajustada para os efeitos sazonais, percebe-se que o semestre terminou com um avanço 2,13%, com uma máxima histórica em abril.

Gráfico 11

Índice de Atividade Econômica do Banco Central
Para o estado do Rio de Janeiro



O fraco desempenho fluminense pode ser percebido também nos setores das atividades do estado. No Comércio, na comparação com dezembro de 2021, o índice de receitas reduziu 24,62% no primeiro semestre, terminando o período com um acumulado de 12 meses de aproximadamente 10% (Gráfico 12). Os principais motores desse arrefecimento em relação à recuperação vista em 2021 foram as atividades Material de construção e de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação no primeiro trimestre (Tabela 1). Enquanto no segundo trimestre a atividade de Material de construção, novamente sofreu recuo nas receitas, e, especialmente, a atividade de Móveis.

Tabela 1

Atividades do Comércio	Variação mensal da Receita Nominal (%)					
	Jan-22	Fev-22	Mar-22	Abr-22	Mai-22	Jun-22
Combustíveis e lubrificantes	0,08	0,10	-0,02	0,05	-0,06	0,08
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,00	0,07	0,07	-0,03	0,00	0,00
Hipermercados e supermercados	-0,01	0,08	0,09	-0,01	0,00	-0,01
Tecidos, vestuário e calçados	-0,02	0,03	0,11	0,22	-0,06	-0,02
Móveis e eletrodomésticos	-0,06	0,24	-0,17	0,09	-0,14	-0,06
Móveis	-0,04	0,16	-0,14	0,08	-0,14	-0,04
Eletrodomésticos	-0,06	0,25	-0,17	0,09	-0,14	-0,06
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	-0,14	0,14	-0,03	0,31	-0,13	-0,14
Livros, jornais, revistas e papelaria	0,12	-0,52	-0,17	0,21	-0,02	0,12
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,07	0,20	-0,10	0,26	-0,14	0,07
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-0,16	0,19	0,03	0,02	-0,08	-0,16
Veículos, motocicletas, partes e peças	-0,02	0,15	-0,07	0,09	-0,05	-0,02
Material de construção	-0,05	0,20	-0,10	0,12	-0,03	-0,05
Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio						

Contudo, o maior desgaste no Setor Comercial foi no tocante a Volume de Vendas, quando em junho fechou o acumulado 12 meses num recuo de 2,5%, numa trajetória de queda observada desde o começo do segundo semestre de 2021 (Tabela 2). Todas as atividades do setor sofreram no decorrer desse primeiro semestre de 2022, contudo, a atividade de Hipermercados e Supermercados, a atividade de Tecidos, Vestuário e Calçados e a atividade de Artigos de Uso Pessoal e Doméstico sofreram os menores encolhimentos dentre as atividades, enquanto o segundo trimestre todas as atividades retrocederam. Corroborando com o cenário de redução das atividades em vias de recessão.

Tabela 2

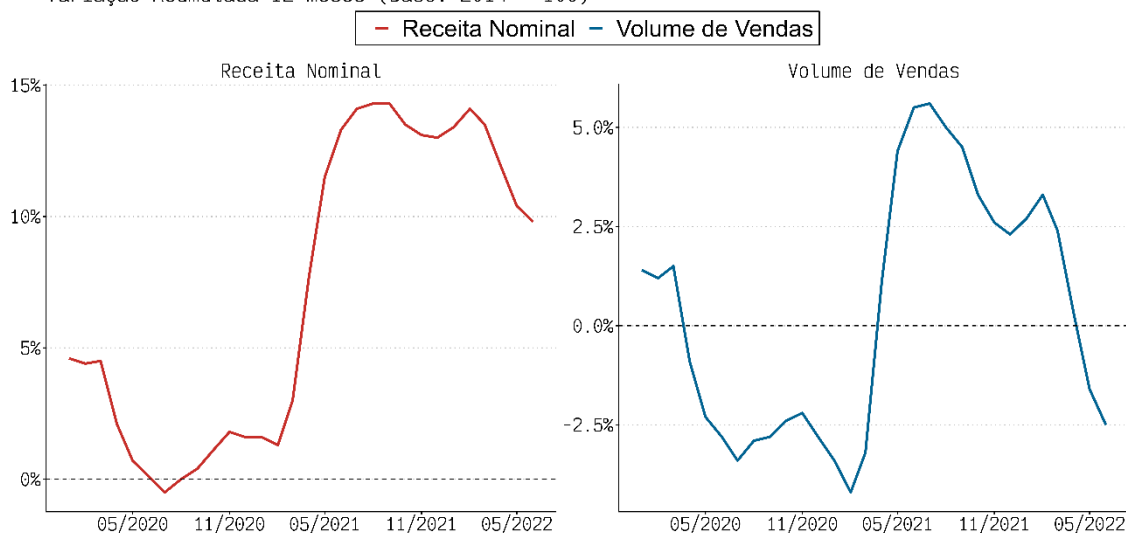
Atividades do Comércio	Variação mensal do Volume de Vendas (%)					
	Jan-22	Fev-22	Mar-22	Abr-22	Mai-22	Jun-22
Combustíveis e lubrificantes	0,08	0,06	-0,05	0,02	-0,05	0,08
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-0,02	0,04	0,05	-0,02	0,00	-0,02
Hipermercados e supermercados	-0,02	0,05	0,07	-0,01	-0,01	-0,02
Tecidos, vestuário e calçados	-0,04	0,01	0,08	0,20	-0,08	-0,04
Móveis e eletrodomésticos	-0,08	0,24	-0,19	0,09	-0,14	-0,08
Móveis	-0,06	0,13	-0,17	0,06	-0,16	-0,06
Eletrodomésticos	-0,08	0,25	-0,19	0,09	-0,14	-0,08
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	-0,15	0,09	-0,08	0,26	-0,13	-0,15
Livros, jornais, revistas e papeleria	0,11	-0,52	-0,17	0,21	-0,02	0,11
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,08	0,17	-0,13	0,26	-0,14	0,08
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-0,16	0,17	0,01	0,01	-0,08	-0,16
Veículos, motocicletas, partes e peças	-0,03	0,14	-0,08	0,07	-0,05	-0,03
Material de construção	-0,07	0,19	-0,11	0,10	-0,03	-0,07

Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio

Gráfico 12

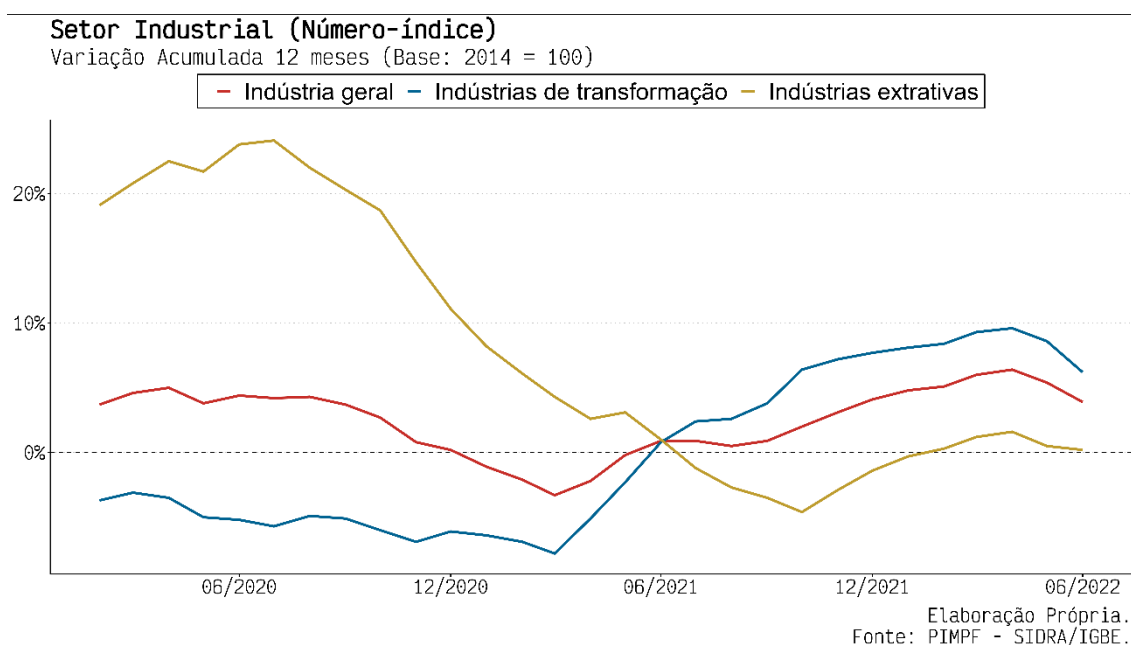
Setor de Comércio (Número-índice)

Variação Acumulada 12 meses (Base: 2014 = 100)



Em relação à produção física do Setor Industrial, o estado do Rio de Janeiro apresentou trajetória de recuperação relativamente estável em relação a indústria geral (Gráfico 13). Compondo esse movimento, a indústria extrativa alterna entre avanços e retrocessos desde o começo do semestre (Tabela 3), acumulando no final do período estabilidade em seu nível de produção.

Gráfico 13



A indústria de transformação apresentou rota de crescimento desde o primeiro semestre de 2021 (Gráfico 13). Contudo, os efeitos da invasão da Ucrânia afetando as cadeias de oferta e de fornecimento de insumos provocaram gargalos na produção. Todas as atividades do setor foram afetadas, as menos afetadas foram a atividade de Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias e a atividade de Metalurgia (Tabela 3).

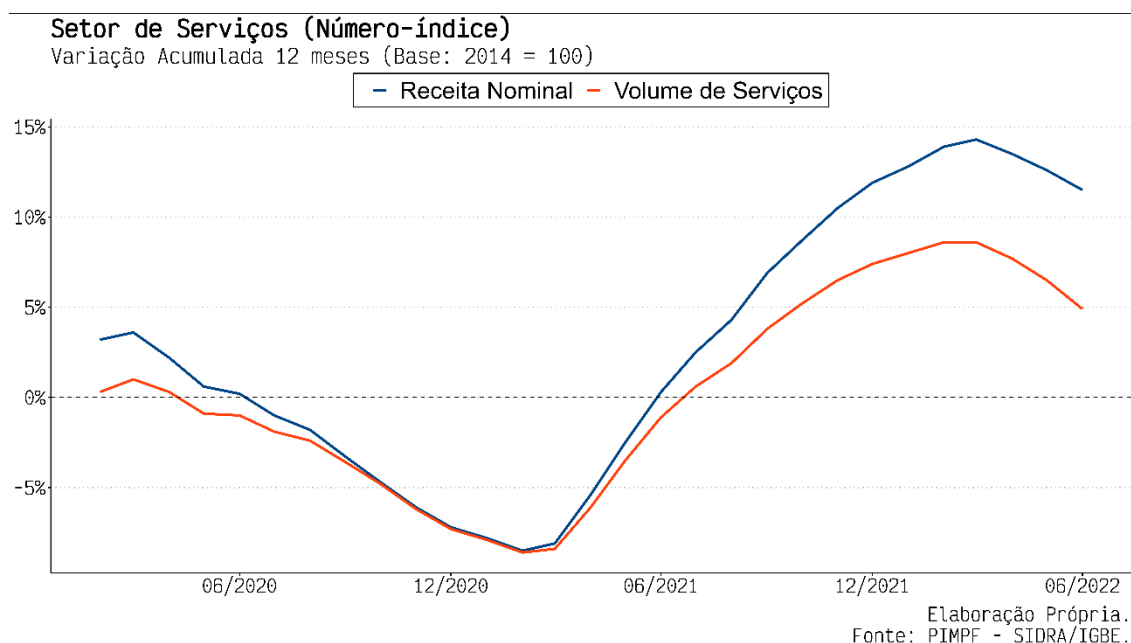
Tabela 3

Seções e Atividades Industriais (CNAE 2.0)	Variação Mensal da Produção Física (%)					
	Jan-22	Fev-22	Mar-22	Abr-22	Mai-22	Jun-22
1 Indústria geral	-0,01	-0,09	0,08	0,05	0,01	-0,08
2 Indústrias extrativas	0,07	-0,13	0,15	-0,04	-0,07	-0,04
3 Indústrias de transformação	-0,06	-0,07	0,04	0,11	0,06	-0,10
3.10 Fabricação de produtos alimentícios	0,05	-0,06	0,16	-0,09	0,24	-0,30
3.11 Fabricação de bebidas	-0,06	-0,16	0,10	-0,03	0,01	-0,11
3.18 Impressão e reprodução de gravações	0,13	-0,12	0,07	-0,05	-0,01	0,09
3.19 Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-0,13	-0,21	-0,01	0,46	-0,01	-0,14
3.20C Fabricação de outros produtos químicos	-0,05	-0,12	0,19	-0,12	0,22	-0,03
3.21 Fabricação de produtos farmacêuticos e químicos	-0,08	0,61	-0,06	-0,05	0,38	-0,34
3.22 Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	0,14	-0,02	0,05	0,00	0,06	-0,01
3.23 Fabricação de produtos de minerais não metálicos	0,07	-0,11	0,24	-0,08	0,11	-0,13
3.24 Metalurgia	0,04	0,02	-0,02	0,02	-0,07	0,09
3.25 Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-0,06	0,01	-0,06	-0,02	0,04	0,03
3.29 Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	0,01	0,18	0,12	-0,12	0,15	-0,06
3.30 Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-0,01	-0,11	0,10	0,00	0,52	0,07
3.33 Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-0,12	-0,07	0,10	0,03	0,02	0,00

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

Por fim, o setor de Serviços também seguia trajetória positiva desde o início de 2021, contudo os efeitos negativos da conjuntura nacional e internacional afetaram as atividades tanto em volume quanto em receita (Gráfico 14).

Gráfico 14



As receitas do setor abriram o ano em queda, mas refletindo a tendência de melhora do mercado de trabalho e incentivos fiscais do Estado, as atividades do setor mantêm um pouco de fôlego nas receitas (Tabela 4). No primeiro trimestre do período, todos os segmentos tiveram as receitas, especialmente a atividade de Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares, desembocando num segundo trimestre já com indícios de recuperação no nível de receitas em todas as atividades do setor.

Tabela 4

Atividades de serviços	Variação Mensal da Receita Nominal (%)					
	jan-22	fev-22	mar-22	abr-22	mai-22	jun-22
Total	-0,17	0,00	0,09	0,00	0,01	0,07
1. Serviços prestados às famílias	-0,04	-0,10	0,12	-0,01	0,04	-0,01
2. Serviços de informação e comunicação	-0,13	-0,01	0,06	0,02	-0,01	-0,02
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	-0,24	-0,07	0,12	-0,01	0,01	0,11
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-0,09	0,06	0,07	0,00	0,01	0,11
5. Outros serviços	-0,39	-0,05	0,15	-0,01	0,06	0,17

Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Serviços

Em relação ao volume, o primeiro trimestre com redução das atividades demarcando que a influência do COVID-19 e das tensões europeias (Tabela 5), contudo no trimestre seguinte a reação do setor desenha a reação do mercado de trabalho frente aos estímulos do Governo.

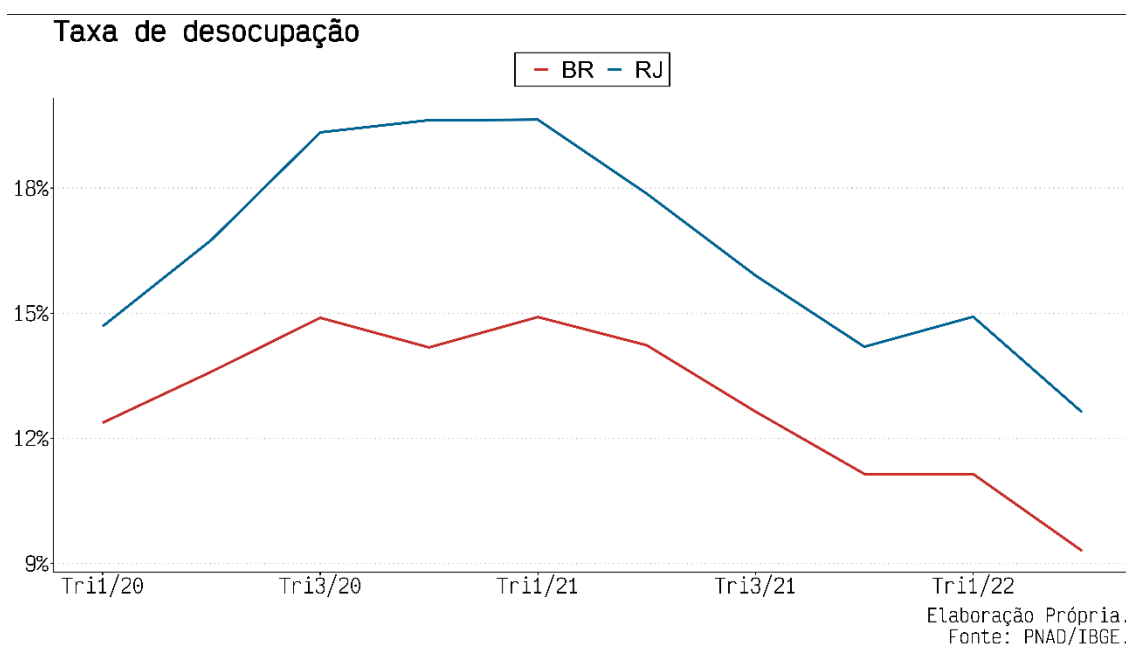
Tabela 5

Atividades de serviços	Variação Mensal do Volume de Serviços					
	jan-22	fev-22	mar-22	abr-22	mai-22	jun-22
Total	-0,16	-0,01	0,08	0,00	0,00	0,05
1. Serviços prestados às famílias	-0,02	-0,13	0,11	0,00	0,01	-0,02
2. Serviços de informação e comunicação	-0,13	0,00	0,05	0,02	-0,01	-0,02
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	-0,24	-0,08	0,11	-0,01	0,01	0,10
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-0,09	0,04	0,07	-0,01	-0,02	0,08
5. Outros serviços	-0,39	-0,07	0,14	-0,01	0,05	0,17

Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Serviços

Em meio a este cenário, o mercado de trabalho estendeu o ritmo positivo da ocupação dos postos de trabalho. Apesar da economia fluminense estar acima da taxa nacional de desocupação, a diferença diminuiu 0,5% em relação do primeiro trimestre para o segundo trimestre. Tal avanço é bom indicador para o estado, pois aponta que a recuperação está mais aquecida dentro do estado do que em comparação a todo país.

Gráfico 15



Os dados do novo CAGED corroboram essa maior ocupação no estado. Enquanto a PNAD aponta uma queda na desocupação de 14.9% para 12.6% (Gráfico 15) do primeiro trimestre para o segundo, o novo CAGED aponta um saldo positivo de 38.857 novos postos ocupados no primeiro trimestre e 66.766 no segundo trimestre, totalizando um crescimento acumulado de 105.623 no primeiro semestre de 2022.

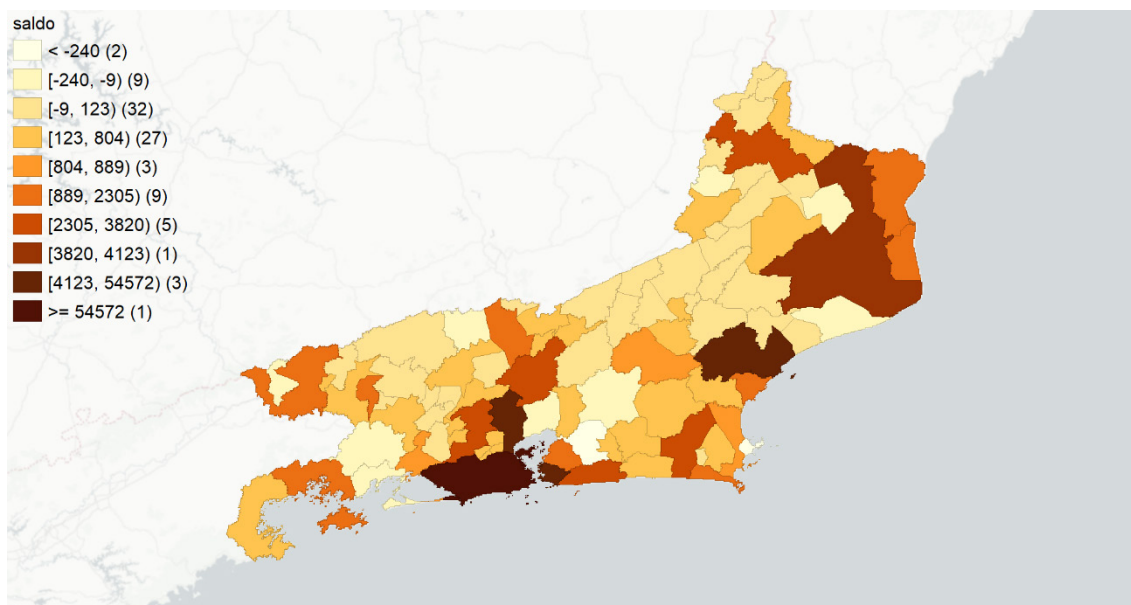
Tabela 6

CNAE	jan/22	fev/22	mar/22	abr/22	mai/22	jun/22	Total Semestre
A	130	74	185	652	1483	110	2634
B	284	257	179	242	358	419	1739
C	-60	741	-8	1563	1261	2011	5508
D	32	0	-5	19	-3	7	50
E	846	2224	844	1035	1427	447	6823
F	3885	4099	2843	2907	4225	2340	20299
G	-9897	-1264	-3774	1712	1497	2757	-8969
H	64	-448	587	331	374	672	1580
I	2000	2877	236	3141	2414	1803	12471
J	505	1041	441	499	674	415	3575
K	-333	61	-192	13	-233	200	-484
L	137	44	104	98	-1	51	433
M	395	1185	975	118	977	1637	5287
N	696	1866	2682	2895	1038	3980	13157
O	1816	1200	2003	893	597	956	7465
P	-158	6346	3168	1993	1416	882	13647
Q	1309	1107	-543	2665	3045	2831	10414
R	170	330	264	495	336	201	1796
S	1835	2188	1267	1411	133	1345	8179
T	3	3	4	0	-1	-1	8
U	2	4	1	-2	1	5	11
Total Seção	3661	23935	11261	22680	21018	23068	105623

Fonte: Novo CAGED

Entre as atividades no estado (Tabela 6), o maior avanço está em construção civil (F) com o saldo no fim do semestre de 20.299, enquanto as atividades de educação, atividades administrativas e serviços complementares, atividade de alojamento e alimentação e atividade de saúde humana e serviços sociais possuem um acúmulo de 13.647, 13.157, 12.471 e 10.414 respectivamente. Porém, atividades financeiras, de seguros e atividade de comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas foram as únicas atividades que apresentaram retrocesso na ocupação de postos de trabalho com -484 e -8.969 respectivamente.

Figura 1: Mapa dos saldos de emprego segundo Novo Caged (extração em out/22)

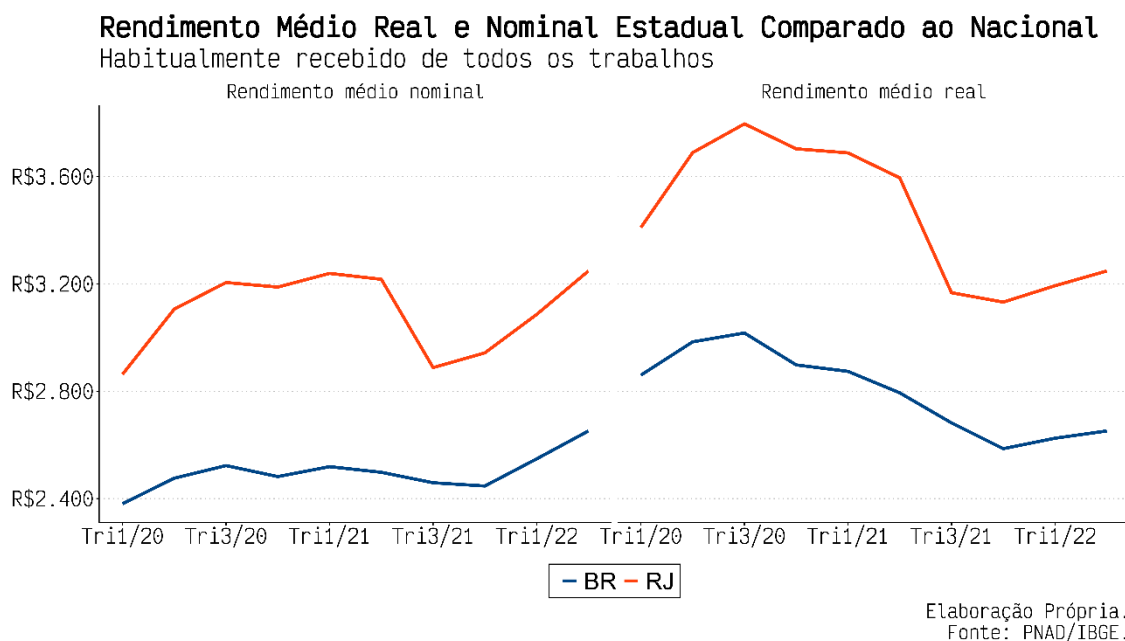


Fonte: Novo CAGED.

Especialmente, a maior concentração da ocupação dos postos de trabalho se localiza na região metropolitana e no norte do estado (Figura 1). A maior concentração desse avanço está na cidade do Rio de Janeiro com 54.572 novos postos de trabalho, Niterói com 5.110, Duque de Caxias com 4.371, Macaé com 4.123 e Campo dos Goytacazes com 3.820. Porém, 12 municípios apresentaram queda na ocupação, o maior destaque fica para três municípios, sendo: Itatiaia (-240), Armação de Búzios (-241) e Itaboraí (-1.393).

Acompanhando o avanço nos postos de trabalho, a recuperação também é observada nos salários do estado (Gráfico 16). Desde o terceiro trimestre de 2021, há uma constante recuperação do poder de compra da queda observada durante a pandemia. Nominalmente, os salários já estão superiores aos níveis vistos antes da pandemia. Contudo, em termos reais, o poder de compra ainda está abaixo do visto antes de 2020. Vale notar ainda que a renda do trabalho dentro do estado do Rio de Janeiro permanece superior à média em comparação ao nacional.

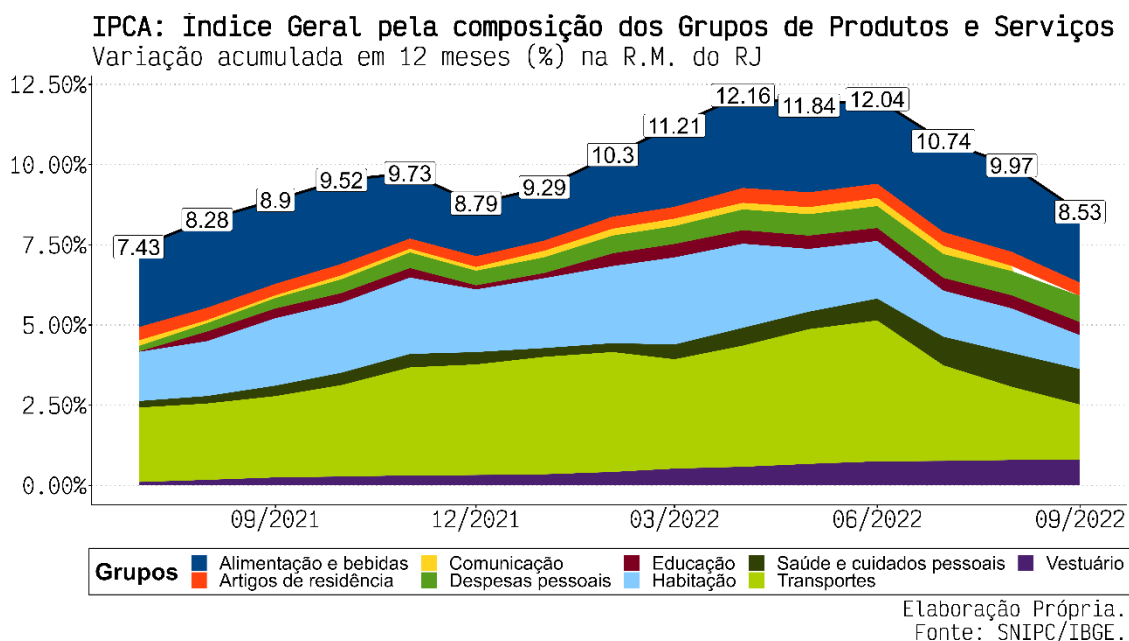
Gráfico 16



Em vista do poder de compra dos salários fluminenses, a inflação dentro do estado chama a atenção. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPCA), índice que aponta a variação do custo de vida médio de famílias com renda mensal de 1 e 40 salários mínimos, apresenta um ritmo de crescimento vigoroso desde o início da pandemia em 2020. Porém, quando em 2022 começa a apresentar sinais de arrefecimento, a guerra da Ucrânia se rompe e o primeiro semestre volta a fechar em aceleração do custo de vida (Gráfico 17).

Os principais motores na evolução do IPCA foram Transportes, Habitação e Alimentação durante todo o período desde 2020, porém no primeiro semestre perderam força no aumento dos preços, enquanto Saúde e cuidados pessoais finalizaram o semestre com um início de aceleração em seus custos.

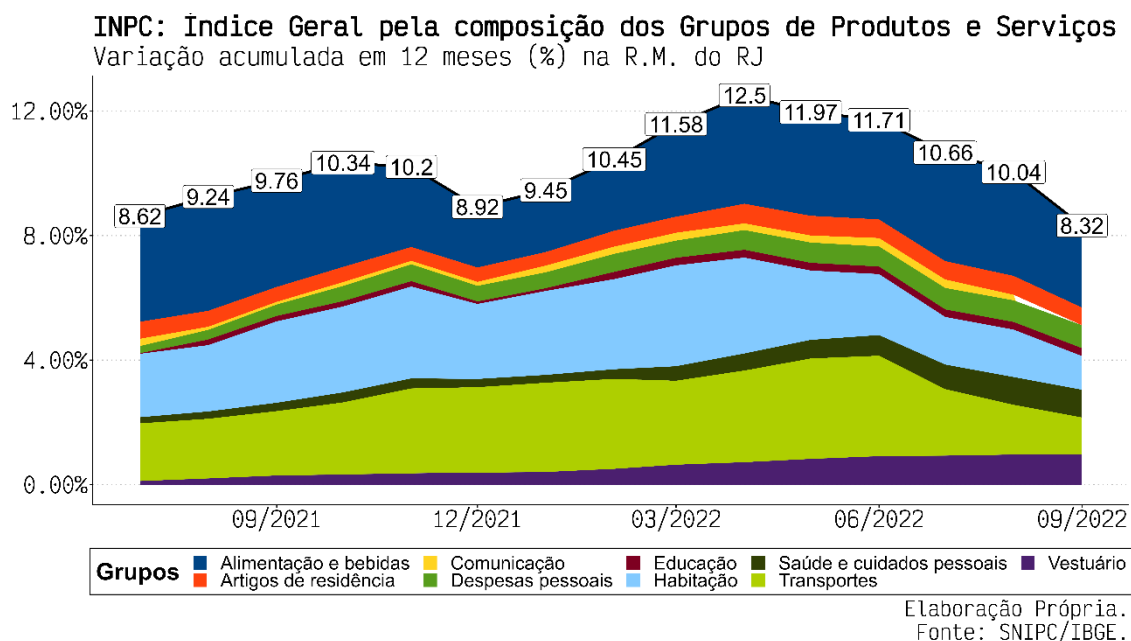
Gráfico 17



Por outro lado, o INPC, que verifica a variação do custo de vida médio apenas de famílias com renda mensal de 1 a 5 salários mínimos, sendo grupos são mais sensíveis às variações de preços, pois tendem a gastar todo o seu rendimento em itens básicos, como alimentação, medicamentos, transporte etc, apresentou uma evolução equiparável ao IPCA dentro do estado fluminense (Gráfico 18).

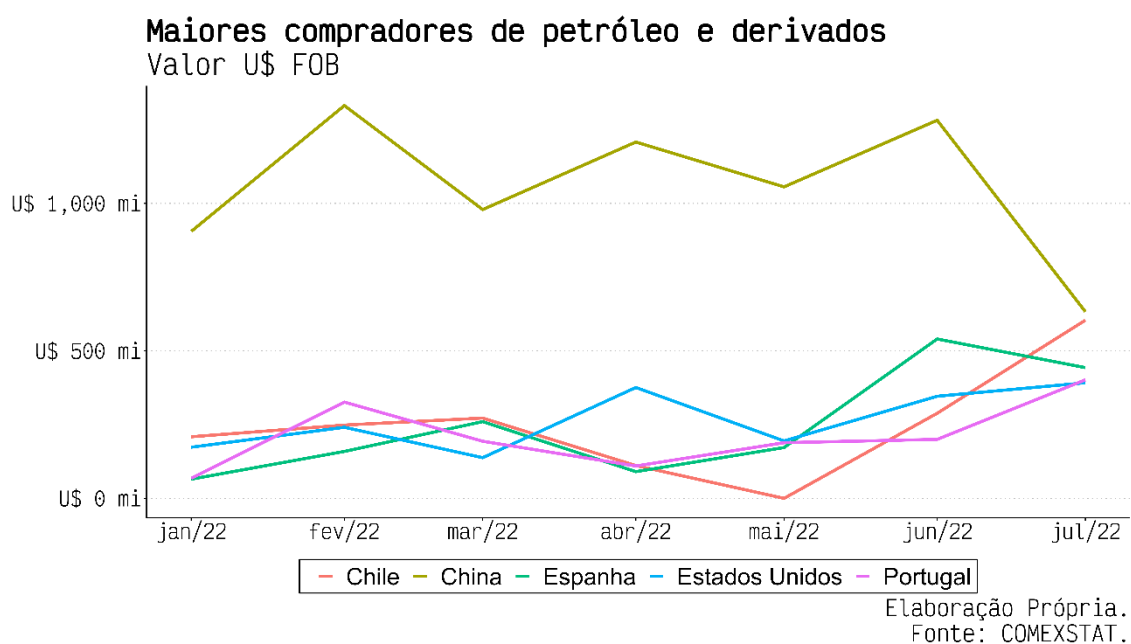
Os preços de Habitação, Alimentos e Bebidas e Transportes também foram os maiores pivôs no indicador. Saúde e cuidados pessoais, da mesma forma que o IPCA, começou uma aceleração em seus custos no final do semestre.

Gráfico 18



Por fim, tendo o conhecimento de que o Rio de Janeiro é o maior estado produtor de petróleo no Brasil e que a pauta exportadora do estado é majoritariamente ocupada por petróleo e seus derivados, a última análise será voltada para esses itens, sua renda e maiores compradores e vendedores para o estado.

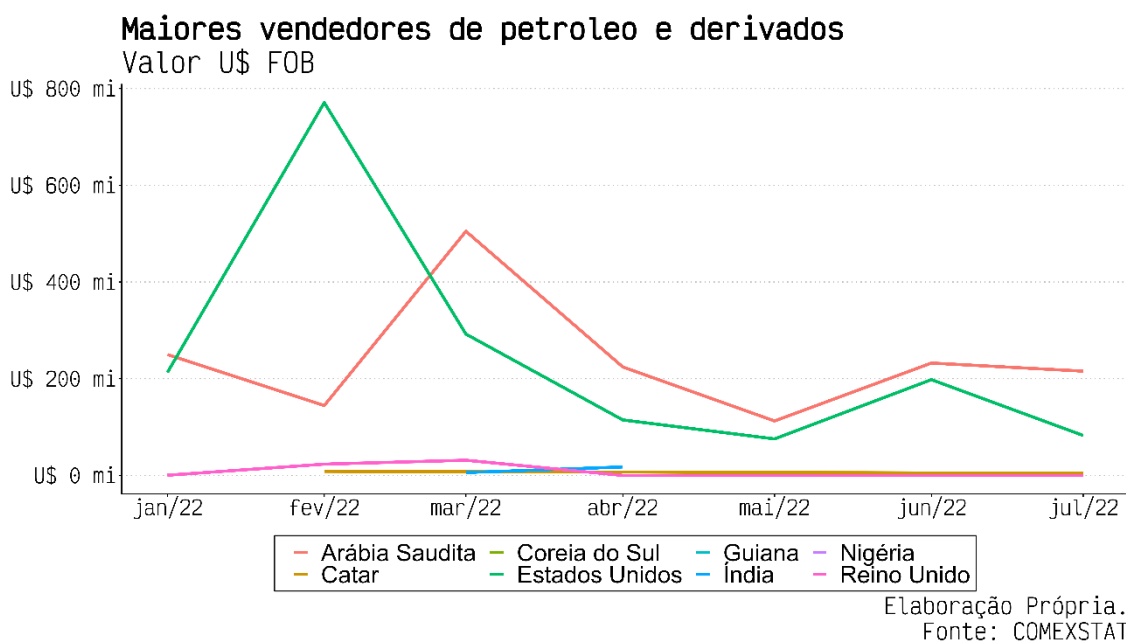
Gráfico 19



Como é possível observar no Gráfico 19, o estado fluminense tem como seus maiores compradores de petróleo e derivados a China, que no semestre analisado comprou aproximadamente U\$ 7.3 bi de todo o estado, seguido pelo EUA, com U\$1.8 Mi, e Chile e Espanha, com aproximadamente U\$ 1.7 bi, de valor FOB acumulado no semestre.

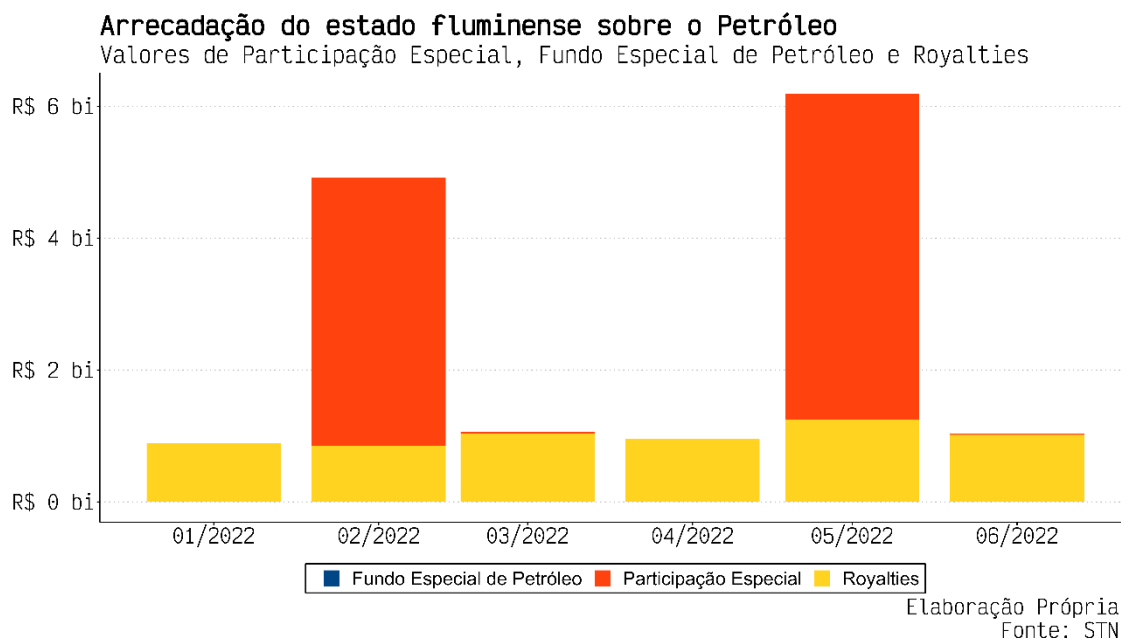
Por outro lado, o estado, apesar de produtor, não consegue refinar o petróleo extraído, principalmente aquele extraído do pré-sal, portanto alguns itens derivados do petróleo são importados para compor o consumo intermediário da indústria fluminense. Assim, temos que o principal vendedor para o Rio de Janeiro é o EUA, com aproximadamente U\$ 17.5 bi, de valor FOB. Na sequência, vem a Arábia Saudita, que no total do primeiro semestre de 2022, vendeu aproximadamente U\$ 17 bi de produtos derivados do petróleo para o estado.

Gráfico 20



Enfim, a renda provinda da exploração do recurso natural é repartida entre os entes federativos e seus municípios segundo a Lei do Petróleo, a lei nº 9.478/1997. Dos recursos, a principal renda provinda da exploração é o Royalties, que no período foi distribuído em média R\$ 1 bi por mês para o estado, totalizando no final um valor de R\$ 5.996 milhões nos cofres fluminenses.

Gráfico 21



A outra parcela, muito expressiva em fevereiro e em maio, é a participação especial. A participação especial é uma compensação financeira extraordinária devida pelos concessionários de exploração e produção de petróleo ou gás natural para campos de grande volume de produção. No mês de fevereiro, o repasse foi de aproximadamente R\$ 4.068 bi e em maio, R\$ 4.938 bi. Ao fim do semestre, o repasse das participações especiais totalizou um valor de R\$ 9 bi nos cofres fluminenses.

